

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: MPR00001

Data: 02/10/73

Pg.: _____

Os canibais macurapes estão matando seringueiros?

**A Funai vai investigar as notícias
chegadas de Rondônia sobre a
morte de dois seringueiros nas terras
dos índios macurapes, há três dias.**

Uma notícia que chegou ontem de Rondônia: um grupo de índios matou e comeu dois seringueiros, há três dias, à margem do rio Guaporé. A notícia, ainda não confirmada pela Funai, fala que o massacre foi praticado pelos índios macurapes, que há muito tempo vêm brigando com os seringueiros que costumam invadir suas terras. Os técnicos da Funai, em Rondônia, explicaram que a invasão das áreas indígenas já deu muitos problemas: em dois anos, os índios atacaram os seringueiros três vezes, matando alguns. Este é o quarto caso -- e o mais grave.

Há uma outra explicação para o massacre: em Brasília, o presidente do Instituto dos Antropos, padre José dos Santos, disse que a atitude dos índios não pode ser tomada como violência, "pois o canibalismo faz parte da religião da tribo. É um ritual".

E há, também, outros detalhes: em conversa com técnicos da Funai, há pouco tempo, os índios pakaas-novos disseram que "a carne do homem é muito boa".

De qualquer jeito, os técnicos da Funai preferem falar da situação em Rondônia: eles acham que o problema dos índios com os seringueiros é grave e pode se agravar mais ainda, se as autoridades não demarcarem logo as reservas e os parques existentes na área.

Nos últimos anos, milhares de famílias de colonos e seringueiros penetraram nas matas, invadindo a terra dos índios.

O seringueiro -- explicam os técnicos da Funai -- é um homem que, no final da temporada, precisa apresentar uma produção determinada para garantir o seu lucro junto ao seringalista. Ele conhece bem a mata e não respeita

as áreas dos índios. Com isso, nasce o conflito: o índio luta para defender seus domínios.

Os técnicos acham que a demarcação deve ser feita logo, "através de picadas, com marcos da fundação Nacional do Índio fixados de um em um quilômetro. Outro pedido dos técnicos: meios de transportes mais eficientes para os chefes dos postos da Funai. Assim, eles poderiam fiscalizar melhor as áreas em conflito.